

Gestão da subjetividade e novas formas de trabalho: velhos dilemas e novos desafios

Felipe Luiz Gomes e Silva

(UNESP, Campus de Araraquara)

felipeluzgomes@terra.com.br

Subjectivity management and new forms of work: old dilemmas and new challenges.
NOVAMENTE A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO REPETITIVO E O ENGAJAMENTO ESTIMULADO.

A constante rejeição da classe operária ao trabalho degradado e a acirrada competição mundial impulsionam a crise (crise aberta) do sistema de produção taylorista-fordista, *locus* privilegiado do trabalho desqualificado e repugnante. Esses assalariados reivindicam com as “greves selvagens” mudanças fundamentais na forma de organização do trabalho. Segundo C. Dejours (1987), as expressões “abaixo as cadências infernais” e “abaixo a separação do trabalho intelectual e manual” representam nitidamente uma total recusa dos proletários à insuportável degradação física e mental provocada pela intensificação do ritmo de produção. São lutas realizadas no interior da indústria automobilística que apontam para a autonomia e emancipação da classe operária, para a autogestão do processo produtivo. Nas palavras de Dejours:

Palavras de ordem como “abaixo as cadências infernais”, “**abaixo a separação do trabalho intelectual e manual**”, “**mudar a vida**” atacam diretamente a organização do trabalho (1987, p.24-5, grifos nossos).

Como resposta à crise aberta do taylorismo-fordismo, surge, na segunda metade do século XX, no Japão, o sistema de produção em massa flexível/multifuncional (Just in time/Kanban/CCQ/Kaizen/Multi-skill). Sistema este que desenvolve uma nova maneira de gerenciar a força de trabalho, que leva à intensificação do ritmo de produção a padrões extremos (*management by stress*), uma vez que adiciona, ao gesto repetitivo dos operários, o **engajamento total da subjetividade**.

Por exemplo, na empresa Suzuki, em Kosai (Japão), o operário desenvolve uma seqüência de movimentos físicos em um ritmo que é cadenciado pelo som de música sintética; ele monta, em um estado mental quase hipnótico, um automóvel de porte médio a cada 58 segundos (OCADA, 2002).

Na verdade, o exercício da “multifuncionalidade” (*multi-skill*) tem gerado um trabalhador pluriparcelar, engajado, flexível e proativo, ou seja, extremamente explorado. Com a introdução dos círculos de trabalho, da redução dos estoques amortecedores e do princípio da melhoria contínua (*kaizen*), aprofunda-se, na realidade, o processo de alienação do trabalho: a apropriação pelo capital do saber tácito da classe operária.

A opressão da classe operária no local do trabalho traduz-se em sofrimentos prolongados; na luta pela transição social e superação do modo de produção capitalista não basta coletivizar as fábricas é necessária uma luta diária pela construção de uma nova forma

de organização e gestão, ou seja, pela apropriação real das forças produtivas (BIHR, 1998).¹

O trabalho fragmentado e intenso não é privilégio dos operários fabris que operam na indústria automobilística sob o regime toyotista. Nos canaviais da região de Ribeirão Preto (São Paulo, Brasil) os trabalhadores são obrigados, para uma produção 8 toneladas de cana, a repetirem 9.700 golpes de podão. Segundo notícias recentes publicadas nos jornais, no período de um ano (2004-2005) faleceram 13 trabalhadores por exaustão, o *karoshi* (excesso de trabalho) do canavial (Folha de São Paulo, 2005). De modo geral os canavieiros compõem parte do exército de reserva, migrantes que se deslocam das zonas mais pobres do país.

SUPERPOPULAÇÃO RELATIVA, DESEMPREGO VELHOS DILEMAS E NOVOS DESAFIOS.

Como sabemos, o regime mundializado de acumulação de capital predominantemente financeiro tem exigido dos países industrializados, assim como dos “periféricos e dependentes”, uma (Contra)-reforma do Estado que impõe uma revisão dos direitos sociais conquistados pela classe trabalhadora. Com a perda desses direitos e com o crescimento da **superpopulação relativa**, a classe operária encontra-se diante do aumento da exploração precarizada e flexível do trabalho, trabalho-excessivo, trabalho-parcial etc.²

Porém trabalho excessivo, parcial/precário e viver de caridade alheia não são novidades no capitalismo. O século XIX é pródigo na produção de ações filantrópicas e caritativas como resposta ao pauperismo, às “seqüelas” produzidas pelo capital. Há todo um arsenal de práticas produzidas pelos que temem que uma “faísca elétrica” acenda a multidão. São criadas as *workhouses* para os desempregados, a Lei dos Pobres para os “vagabundos”, projetos de “renda mínima” e de substituição de máquinas por indigentes, etc. (BRESCIANI, 2004).

(...) se uma população trabalhadora excedente é **produto necessário** da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza no sistema capitalista, ela se torna por sua vez a **alavanca da acumulação capitalista**, e mesmo **condição de existência** do modo de produção capitalista. Toda a forma do movimento da indústria moderna nasce, portanto, da transformação constante de uma parte da população trabalhadora em desempregados ou **parcialmente empregados**. Encontramos violentos protestos contra o **trabalho excessivo**, até mesmo na crise algodoeira de 1863, num panfleto dos fiandeiros de algodão de *Blackburn* (...) Muitos, em virtude da falta de ocupação, ficam constrangidos a **viver da caridade alheia** (MARX, 1980, p. 733-735, grifos nossos).

Muito do que hoje se denomina “terceiro setor”, “responsabilidade social das empresas éticas e cidadãs”, cooperativas “autogestionárias” e várias outras atividades desenvolvidas no “mercado solidário” e competitivo são, na realidade, reações às novas expressões do pauperismo e do exército de reserva, “seqüelas sociais” do processo de

¹ Publicou o jornal China Daily, uma operária chinesa, após trabalhar 24 horas em um fábrica no sul da China, morreu por exaustão (2005).

² Tem havido reações críticas da classe proletária contra a logística da precarização do trabalho. A pesquisadora Paula Marcelino demonstra nos seus estudos como os operários da Honda Brasil resistem à intensificação do processo de “flexploração” do trabalho. Em fevereiro de 2000, os operários da Logística Sumaré Ltda, empresa terceirizada, realizaram uma greve que contou com a adesão de todos os trabalhadores (2004).

acumulação do capital.

O dito “terceiro setor”, instrumento da estratégia neoliberal, assume a função de transformar o padrão de respostas a seqüelas da “questão social”, constitutivo de direito universal, sob a responsabilidade prioritária do Estado, em atividades **localizadas e de auto-responsabilidade dos sujeitos portadores das carências**; atividades desenvolvidas por voluntários ou implementadas em organizações sem garantia de permanência, sem direito. Transforma-se, como vimos, o sistema de solidariedade universal em solidariedade individual (MONTÃO, 2002, p.62, grifos nossos).

Demonstra Márcio Magera (2005), em sua pesquisa, como a indústria capitalista se apodera do trabalho das denominadas “Cooperativas de Reciclagem de Lixo” e estabelece preços extremamente baixos para a mercadoria, as “sucatas de vários tipos”. Essa população, integrada ao circuito do capital, **vive do trabalho precário e flexível no limite da subsistência fisiológica**, ou seja, abaixo da linha de pobreza. Praticam um sistema de “autogestão” funcional ao regime de acumulação neoliberal com apoio da prefeitura local. Para Paul Singer, esses “trabalhadores ambientais” não conquistaram uma condição melhor de vida (autonomia diante da exploração do capital) porque o “modelo ideal de cooperativa” não foi implantado.

As cooperativas instaladas no Nordeste do Brasil funcionam como uma forma de terceirização e flexibilização do trabalho, a “autogestão” é, de fato, funcional ao capital e ao neoliberalismo. Diante dessa realidade, o sindicato dos têxteis de Paulista, em Pernambuco, por exemplo, assiste à redução anual da sua base de afiliados. Uma cooperativa, instalada no Ceará, está sendo investigada pela procuradoria por denúncias de trabalho assalariado disfarçado. Em verdade, essas organizações aproveitam o denominado “custo chinês” da força de trabalho nordestina (LIMA, 1997).

Portanto, o que encontramos de concreto, no sertão do Nordeste, é a presença do trabalho ultra “flexplorado”, o ideal de uma classe proletária emancipada pelo cooperativismo “autogestionário” não passa de um conto de fadas. A competição mundial entre os capitais intensifica a exploração do trabalho:

Com o novo trato dado à “questão social” - “terceiro setor”, cooperativas “autogestionárias”, empresas cidadãs -, a superexploração do trabalho avança em várias frentes. Recente artigo revela como empresas, diante da possibilidade dos baixos custos salariais, têm transferido para presídios suas linhas de montagens. Afirmam essas empresas que é uma excelente oportunidade de **praticar uma ação social responsável**, ou seja, a recuperação dos presos. A Bognar Metais, empresa cidadã, que montou uma metalúrgica no Presídio Adriano Marrey (Guarulhos), emprega 37 detentos que recebem R\$ 300,00 por mês; na fábrica o piso salarial mínimo é de R\$ 580,00. Uma das grandes vantagens para essas indústrias que abraçam essa “causa social”, além dos baixos custos, é o envolvimento dos operários-presos com a produção, a grande motivação deriva da possibilidade da redução da pena, três dias trabalhados poderão significar um dia a menos no presídio (Estado de S.Paulo, B 5,11/09/05).

A construção de cooperativas verdadeiramente autogestionárias deverá ser obra da própria classe trabalhadora. A possibilidade da construção de uma nova forma de sociabilidade humana não mediada pelo capital está **inscrita nas contradições do real**, no processo de luta social historicamente situado. A importação de outros contextos e tempos

históricos, de “doutrinas ossificadas” (modelos sem vida), dificilmente contribuirá para a autonomia da classe trabalhadora (RIOS, 1987).

Para que esse processo de transformação aconteça - autogestão e superação da alienação do trabalho -, torna-se necessária a **presença do sujeito**; sem sua participação não há história. É o sujeito que rompe com a estrutura de opressão/exploração e não o sistema que, obediente a determinadas leis férreas, rompe-se “naturalmente”; o progresso técnico, condição necessária, não é suficiente, a luta por novas formas de organizar a produção é indispensável, a burocracia fabril heterogestionária com sua hierarquia de cargos e salários é necessariamente despótica (BIHR, 1998; SILVA, 2001).

A reflexão crítica sobre a organização burocrática do trabalho e suas correspondentes ideologias gerenciais opressoras não pode esperar a **promessa do mundo novo**, ou seja, o seu questionamento deve fazer parte das preocupações teóricas e políticas do conjunto da classe trabalhadora, dos intelectuais, dos técnicos e dos operários.

É preciso desmistificar experiências cooperativas que se transformam em modelos cristalizados. O sucesso inicial da experiência de Robert Owen (1825), nas cooperativas de New Harmony, não se explica pelo seu humanitarismo paternalista de capitalista esclarecido, mas devido à vantagem que o empreendimento industrial desfrutava no começo, a redução da jornada do trabalho conduziu a **uma intensificação da produtividade**. Com a adoção dessas práticas pelas empresas concorrentes a experiência cooperativista de Owen foi levada à falência (MÉSZÁROS, 2005). Embora a propriedade fosse coletiva e a remuneração igualitária os pioneiros ficaram insatisfeitos com a gestão autoritária, esses trabalhadores continuavam, na verdade, despossuídos do controle do processo de trabalho (BERNARDO, 2000).

... autogestão deve ser compreendida em sentido generalizado e que não se pode realizar senão por uma revolução radical, que transforme completamente a sociedade em todos os planos, dialeticamente ligados, da economia, da política e da vida social (GUILLERM et al., 1975, p. 41).

Portanto, as cooperativas de produção, no interior do capitalismo, tendem, conforme a situação do mercado, a obrigar os operários a intensificarem o ritmo de produção. Os trabalhadores, **submetidos à competição mercantil**, enfrentam a situação contraditória de **“governar a si mesmos com todo absolutismo necessário”**, ou seja, passam a atuar como seus próprios patrões capitalistas (LUXEMBURGO, 2003).

A reflexão sobre as lutas históricas dos trabalhadores e trabalhadoras, suas vitórias e conquistas, limites e contribuições, devem orientar os novos combates, isso quer dizer que as experiências não devem ser transformadas em “doutrinas ossificadas” e nem em modelos previamente definidos. Como afirma Brito (1983), **a memória é uma arma** da classe operária. A tomada da Ford do Brasil, por exemplo, aconteceu em 23 de novembro de 1981 e teve como antecedentes históricos às greves de 1968. Estavam na pauta dos conflitos, entre outros itens, a destruição da hierarquia fabril e a criação de Comitês de Fábricas autônomos.

Nas greves de 78 a Ford esteve na vanguarda, junto com a *Scania*: e quando a *Ford* parou, pesou decisivamente no movimento geral, dando-lhe um peso incalculável, que o tornou vitorioso nesse ano. Nas greves de 80, na Ford não houve um único piquete; a **consciência da auto-**

organização foi um exemplo para a classe operária (BRITO, 1983, p.39, grifos nossos).

Portanto, podemos afirmar que, de diferentes formas, os trabalhadores e trabalhadoras continuam resistindo e lutando contra a exploração do capital. Novos caminhos devem ser abertos nas lutas concretas e estas, orientadas pela constante reflexão histórica, a memória é uma arma. Há fábricas ocupadas em Joinville/SC, Sumaré e Itapevi/SP, Cooperativas do Movimento dos Trabalhadores Sem – Terra, Cooperativa da Usina/Catende em Pernambuco etc. Precisamos aprofundar nossos estudos sobre o significado dessas lutas sociais concretas.

SILVA, F.L.G. Subjectivity and new forms of work: old dilemmas and new challenges.

Abstract. The objective of this study is to perform a reflection on old dilemmas and new challenges of the work world. It has been intended to study the subjective management in companies in general and specially in the metal-mechanical industry. The constant rejection of the working class to intense and repetitive labor (absenteeism, boycotts and “wild strikes”) have generated new management strategies in the history of capitalism that search for the construction of an orderly and obedient working class. In the middle of the XX century, with the crisis of the Taylorism-fordism, a new way to manage “human resources” emerges that along with the growth of the relative overpopulation and the labor precariousness, has contributed for the stimulated engagement and for control of the working class behavior.

Referências

BERNARDO, J. **Transnacionalização do capital e fragmentação dos trabalhadores.** Ainda há lugar para os sindicatos? São Paulo: Boitempo, 2000.

BRESCIANI, M. S. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza.** São Paulo, Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. **Contrafogos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRITO, J. C. **A tomada da Ford** o nascimento de um sindicato livre Petrópolis: Vozes, 1983.

CARVALHO, N. V. **Autogestão: o nascimento das ONGs.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. I.
- DEJOURS, C. **A Loucura no Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho** São Paulo: Oboré/Cortez, 1987.
- DEJOURS, C. **A Banalização da Injustiça Social** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999.
- FRIEDMANN, G. **O Trabalho em Migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GOUNET, T. **Fordismo e Toyotismo** São Paulo: Boitempo, 1999.
- GRAMSCI, A. Americanismo e Fordismo In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GONZÁLEZ, H. **A Comuna de Paris: os Assaltantes do Céu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- GUILLERM, A. e BOURDET, Y. **Autogestão: mudança radical**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- LIMA, J. **Negócios da China: a nova industrialização no nordeste**. Comunicação apresentada no Seminário Produção Flexível e Novas Institucionalidades. Rio de Janeiro 18 a 20 de set. 1997.
- LINHART, R. **Greve na Fábrica (L'Établi)** Rio de Janeiro: Paz e Terra 1978.
- LUXEMBURGO, R. **Reforma ou revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, K. **O Capital** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. v. I e II.
- MONTÃO, C. O projeto neoliberal de resposta à “questão social” e a funcionalidade do terceiro setor **Lutas Sociais**, n.8, p.53-64, 2002.
- OCADA, FÁBIO K **Nos Subterrâneos do Modelo Japonês os 3ks: Kitanai (sujo), Kiken (perigoso) e Kitsui (pesado)**, 2002. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP, Campus de Araraquara, São Paulo.
- OPERÁRIA, morre de esgotamento na China. Disponível em notícias terra.com.br/mundo. Acesso em 3 nov. 2005
- PIGNON D. ; QUERZOLA, J. **Ditadura e Democracia na Produção** In: Gorz, A. Crítica da Divisão do Trabalho São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- RIOS, G. **O que é cooperativismo** São Paulo, Brasiliense, 1987.
- SANTON, J. L'usure mentale du salarié d l'automobile. Intern@tif, 1999. Disponível em www.humanite.fr . Acesso em: 21 abr. 1999.
- SARGENTINI, M. R. Morre-se de *overdose* de trabalho. **Revista Atenção** ano 2, n. 4, p.43-44, São Paulo, mar. 1996.
- SALERNO, M. S. A indústria automobilística na virada do século. In: ARBIX, G.; ZILBOVICIUS, M. (Orgs.) **De JK a FHC: a reinvenção dos carros**. São Paulo: Scritta p. 503

-522,1997.

SILVA, F. L. G. A Fábrica como Agência Educativa: A Gestão da Força de Trabalho no Sistema Toyota de Produção In: Temas **Revista de Pós-Graduação em Sociologia**, ano 5 n.4, p. 163 –193,1998.

SILVA, F. L. G. Uma breve reflexão sobre as harmonias administrativas: de Frederick W. Taylor a Taiichi Ohno. p. 209 - 238 In: Silva, A Doris et al (Org.) **Maurício Tragtenberg**: uma vida para as Ciências Humanas São Paulo: UNESP,2001.

WEIL, S. **A Racionalização** Apud BOSI, E (Org.) A condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

WACQUANT. L. A Penalização da Miséria e o Avanço do Neoliberalismo em Santana M. Ramalho, J. **Além da Fábrica** São Paulo: Boitempo, 2003.

V - Referências de Jornais e Revistas.

MESMO EM, Japão ainda atrai trabalhadores brasileiros. **Jornal Nippo-Brasil**, Caderno Comunidade 3 A, de 26 de junho a 2 de jul. 2002.

ESCRAVOS DA máquina Higobassi, D., p. 108-9 **Veja** 1 de jul. 1998.

PRESÍDIOS estão virando fábricas - **Estado de São Paulo**, B.5, 11 SET.2005.

FÁBRICAS Ocupadas – Joinville /SC, Sumaré e Itapevi /S.P. Ano I, n. 03, ago.de 2005.

TOLEDO, M. Procurador negocia fim dos gatos na cana **Folha de São Paulo**, p. C1, 2005.